



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS
CAMPUS PALMAS
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

LUCIENE DE SOUSA RIBEIRO

**APROPRIAÇÃO DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: um estudo
de caso de estrangeiro residindo no Brasil**

**Palmas
2019**

LUCIENE DE SOUSA RIBEIRO

**APROPRIAÇÃO DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: um estudo
de caso de estrangeiro residindo no Brasil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO, *Campus* Palmas/TO, como exigência à obtenção do grau de Licenciada em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa.

Professora Orientadora: Dra. Mirelle da Silva Freitas

**Palmas
2019**

Ribeiro, Luciene de Sousa.

Apropriação de Português como Língua Estrangeira: Um Estudo de Caso de Estrangeiro Residindo no Brasil / Luciene de Sousa Ribeiro – Palmas, 2019.
54 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa) Instituto Federal de Educação do Tocantins, *Campus* Palmas, 2019.

Orientadora: Profa. Dra. Mirelle da Silva Freitas.

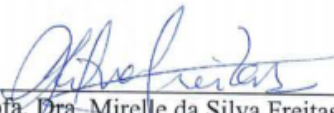
1. Competência Comunicativa.
2. Português como Língua Estrangeira.
3. Missionário.

LUCIENE DE SOUSA RIBEIRO

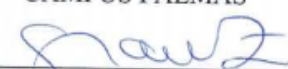
**APROPRIAÇÃO DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA
ESTRANGEIRA: UM ESTUDO DE CASO DE ESTRANGEIRO
RESIDINDO NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras do curso de Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO, *Campus* Palmas/TO.

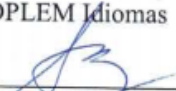
Aprovado em: 15/02/2019.



Prof.ª. Dra. Mirelle da Silva Freitas
(Orientadora)
IFTO – CAMPUS PALMAS



Prof.ª. Me. Joana Grant
(Membra da Banca)
COOPLEM Idiomas



Prof.ª. Dra. Sylmara Barreira
(Membra da Banca)
IFTO – CAMPUS PALMAS

Palmas - TO
2019

*No começo era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele
delira.
E pois.
Em poesia que é a voz de poeta, que a voz de fazer
nascimentos –
O verbo tem que pegar delírio.*

Manoel de Barros (2009)

A todos aqueles que pesquisam e
buscam o conhecimento,
sobretudo da área de PLE.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo que tem me proporcionado por meio do Seu amor incondicional.

Ao meu pai, Mariano, *in memorian*, pelo seu exemplo e por todo carinho dispensado ao meu ser.

Ao meu irmão, Salvador, *in memorian*, pelos sacrifícios que fez em prol de meus estudos.

Às minhas filhas, Marianna e Ana Maria, por quem me esforço para que entendam a importância da busca do conhecimento sempre.

À minha professora orientadora Mirelle Freitas, pela parceria e pela prontidão em compartilhar o seu conhecimento.

À professora Sylmara Barreira, pelo exemplo de vida.

Ao Patrick Mayo, pela sua disponibilidade em colaborar com a minha pesquisa e pela amizade.

RESUMO

Este trabalho resulta de uma pesquisa de natureza qualitativa, que tem como objetivo investigar o desenvolvimento da competência comunicativa de Patrick Mayo, um missionário irlandês, que veio para o Brasil em 1994, com o intuito de assumir uma missão no interior de Estado do Tocantins. Para tanto, buscamos averiguar e descrever o processo de apropriação da língua portuguesa como língua estrangeira, bem como discutir as contribuições (formais e informais) que o participante teve no desenvolvimento da Competência Comunicativa em Língua Portuguesa. No estado do Tocantins, parece ainda haver uma lacuna acerca do ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE), enquanto em outras regiões do país, há registro de pesquisas sobre PLE sendo feitas em universidades. Não obstante, há muitos estrangeiros nesse estado, em virtude de seu potencial para o agronegócio e também para o turismo. Nesse contexto, o *corpus* se constitui de duas entrevistas realizadas com o missionário irlandês, gravadas e transcritas. A investigação encontra-se alicerçada no arcabouço teórico, principalmente, da Linguística Aplicada, do PLE e da Competência Comunicativa, propostas por Almeida Filho (2013, 2012, 2007, 2000 e 1989), dentre outros. Quanto à metodologia adotada, utilizamos o estudo de caso para conhecer a história de vida do participante por meio de uma entrevista semiestruturada, na perspectiva dos estudiosos: Lüdke e André (2014), Flick (2009) e Silva et. al. (2007). Os resultados denotam que o ensino de línguas não pode ser concebido alheio ao cotidiano, a abordagem deve contemplar situações comunicativas de uso e, portanto, sugere-se para os trabalhos futuros, estudos pertinentes ao papel da interação cotidiana no ensino e aprendizagem de línguas.

Palavras-chave: Competência Comunicativa. Português como Língua Estrangeira. Missionário.

ABSTRACT

This study is of a qualitative nature, which aims to investigate how Patrick Mayo developed his communicative competence. He is an Irish missionary who came to Brazil in 1994 to be a leader of a Catholic Church, who is responsible for a variety of social work, in the countryside of the State of Tocantins. In order to do so, we investigate and describe the process of developing his skills in Portuguese (a foreign language for him), and also discuss formal and informal contributions in his process of developing his communicative competence in Portuguese. There is a gap, in Tocantins State, regarding studies focused on Portuguese as Foreign Language, meanwhile several wellknown universities in Brazil are far ahead in this field. Nevertheless, there are many foreigners living in Tocantins, partly because of its natural beauty (tourism) and its potential for agro business. This environment was where this study took place. We recorded, and later transcribed, two interviews with the participant to get data for analysis. Theoretical background for this study comes from Applied Linguistics, Portuguese as Foreign Language, Communicative Competence (see Almeida Filho, 2013, 2012, 2007, 2000 e 1989), amongst others. We adopted study case, particularly Life History, as the methodology to do this investigation and used semistructured interviews as our tools, in accordance to Lüdke e André (2014), Flick (2009) and Silva et. al. (2007). Results show that language teaching can not be planned with no connexion with everyday life, teaching approach must consider communicative situations and, therefore, there is room for future studies regarding the role of everyday interactions in language.

Keywords: Communicative Competence. Portuguese as Foreign Language. Missionary.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Abordagem gramatical <i>versus</i> abordagem comunicativa.....	17
Quadro 2: Contrastivo entre o ensino convencional de PLM e PLE.....	23

LISTA DE FIGURA

Figura 1: Competência Comunicativa.....	25
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR - Agência da ONU para Refugiados

AELIN - Aquisição/Aprendizagem e Ensino de Línguas

CCM - Centro Cultural Missionário

CENFI - Centro de Formação Intercultural

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

EPLE - Ensino de Português como Língua Estrangeira

LA - Linguística Aplicada

MERCOSUL - Mercado Comum do Sul

NEPPE - Núcleo de Ensino e Pesquisa em Português para Estrangeiros

PEC – G - Programas de Estudantes – Convênio de Graduação

PEC-PG - Programas de Estudantes - Convênio de Pós-graduação

PLE - Português como Língua Estrangeira

PLM - Português como Língua Materna

PUC/SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos

UFT – Universidade Federal do Tocantins

UNB - Universidade de Brasília

SUMÁRIO

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Contextualização, Pergunta de Pesquisa e Objetivos.....	13
1.2 Justificativa.....	14
CAPÍTULO II - REVISÃO DE LITERATURA.....	17
2.1 Linguística Aplicada.....	19
2.2 Linguística da Paz.....	20
2.3 Apropriação de Língua Estrangeira.....	20
2.4 Português como Língua Estrangeira – PLE.....	21
2.5 Competência Comunicativa.....	24
CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	27
3.1 Pesquisa qualitativa e ética na pesquisa.....	28
3.2 Estudo de caso.....	28
3.2.1 História de vida.....	29
3.2.2 Ferramenta: entrevista semiestruturada.....	29
3.3 Contexto histórico da Irlanda.....	30
3.4 A história de Patrick Mayo.....	31
CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA.....	34
4.1 Análise e Discussão.....	34
CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	46
APÊNDICE B - Roteiro da Entrevista.....	49
APÊNDICE C- Transcrição da entrevista com o voluntário, Patrick Mayo, realizada em 11/10/2018.....	50
APÊNDICE D - Transcrição da entrevista com o voluntário, Patrick Mayo, realizada em 02/02/2019.....	51

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

As pessoas estão sempre culpando suas circunstâncias pelo que elas são. Eu não acredito em circunstâncias. As pessoas que progridem neste mundo são as pessoas que se levantam e procuram pelas circunstâncias que elas querem, e, se elas não conseguem encontrá-las, elas as fazem.

George Bernard Shaw

O presente estudo vem ao encontro do interesse pessoal desta pesquisadora em contribuir para os estudos de Português como Língua Estrangeira - PLE. No quarto período da Licenciatura em Letras, ouvi pela primeira vez sobre o ensino e aprendizagem de Português como língua estrangeira e, até então, não havia despertado para essa realidade, pois as discussões no curso centravam-se na perspectiva do ensino e aprendizagem de língua materna. Posteriormente, durante um evento da área de Letras, tive a oportunidade de participar como ouvinte em palestra sobre essa mesma temática, com Almeida Filho.

Por outro lado, conheci o missionário irlandês que aceitou participar desta pesquisa em 1994, quando ele estava no Centro de Formação Intercultural – CENFI¹, em Brasília, preparando-se para vir para solo tocaninense. Sequencialmente, todas as vezes que o reencontrava, percebia que, apesar do tempo de vivência aqui, ele demonstrava certa dificuldade em comunicar-se em Língua Portuguesa (percebia interferência de sua língua materna em sua oralidade). Assim, inquietou-me essa dissonância e despertou em mim o interesse em compreender como se deu o seu processo de aprendizagem de Língua Portuguesa.

Desse modo, procuramos *utile dutci*², ou seja, investigar como se deu a apropriação de PLE do referido estrangeiro, participante desta pesquisa. Com essa finalidade, buscamos conhecer a história de vida dele para compreender o processo de apropriação da Língua Portuguesa pelo participante e, ao mesmo tempo, contribuir para os estudos de Português como Língua Estrangeira no Tocantins.

1 CENFI – Centro de Formação Intercultural foi fundado em 1960, em parceria com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB e, atualmente, é integrado ao Centro Cultural Missionário – CCM. O CENFI tem o intuito de acolher missionários estrangeiros que vêm em missão religiosa para o Brasil, ofertando a esses missionários cursos de língua portuguesa, anteriormente a eles assumirem suas missões nas diferentes regiões do país.

2 Termo latim que significa unir o útil ao agradável.

Enquanto tais estudos estão bastante em voga em renomadas universidades no Brasil – a exemplo da UNB que conta com a Licenciatura em Letras Português do Brasil como Segunda Língua. No Tocantins, por outro lado, não há registros de pesquisas desenvolvidas sobre PLE (REPOSITORIO.UFT, [s.d.]).

Com o propósito de colaborar com tais estudos e, conseqüentemente, preencher parte dessa lacuna, desenvolvemos, sob o paradigma qualitativo, um estudo de caso que teve como objetivo investigar a Competência Comunicativa de um missionário irlandês que atualmente vive no Brasil e, portanto, foi aprendiz de Português como Língua Estrangeira – PLE. Para tanto, realizamos duas entrevistas semiestruturadas com o intuito de conhecer a história de vida de Patrick Mayo, nome fictício do participante desta pesquisa.

Para entender os vários aspectos que envolvem o processo de ensino e aprendizagem de línguas, sobretudo de PLE, recorreremos a estudiosos como Almeida Filho, Gomes de Matos, dentre outros. Seus estudos nortearam as análises, na busca por compreender a apropriação do português para esse aprendiz, cuja língua materna é o inglês.

O presente estudo está estruturado em cinco capítulos, conforme a seguir: (i) esta introdução; (ii) revisão da literatura; (iii) procedimentos metodológicos; (iv) análise e discussão dos resultados; e (v) considerações finais; além de referências e apêndices pertinentes. Na sequência, passamos a contextualização, pergunta da pesquisa e objetivos.

1.1 Contextualização, Pergunta de Pesquisa e Objetivos

A linguagem permeia todas as relações humanas, haja vista que é por meio dela que é possível haver interação entre as pessoas. Indubitavelmente, ela é essencial para o avanço da sociedade. Nessa perspectiva, entendemos a linguagem como uma faculdade, diferentemente da língua que é o que permite o exercício de tal faculdade, conforme Saussure, cujas aulas originaram o *Curso de Linguística Geral* – CLG, publicada postumamente por seus alunos. Nesse sentido, Saussure (2012, p. 41), menciona que o:

exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada por natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional, que deveria subordinar-se ao instinto natural em vez de adiantar-se a ele.

Desse modo, a função principal da linguagem é a comunicação, que não se dá necessariamente por meio da palavra, mas é mais abrangente, podendo ser entendida como gestos, olhares, cores, roupas, dentre outros.

Nesse íterim, pretendemos responder à pergunta principal desta pesquisa: como se deu o desenvolvimento da Competência Comunicativa em Língua Portuguesa como Língua Estrangeira de um missionário irlandês, cujo nome fictício é Patrick Mayo. Ele veio para o Brasil em 1994, com o intuito de assumir uma missão junto a uma paróquia no interior do Estado do Tocantins e, portanto, viu-se imerso na língua-cultura brasileira sem conhecimento prévio desta.

Da mesma forma, considerando a sua atuação como missionário católico, em que constantemente necessitou fazer o uso principalmente da linguagem oral, visto que lida com muitas pessoas. Assim, para abarcar o objetivo principal, subdividimo-lo em dois objetivos específicos, a saber:

- Averiguar e descrever o processo de apropriação da língua portuguesa como língua estrangeira pelo participante da pesquisa;
- Discutir as contribuições (formais e informais) que o participante teve no desenvolvimento da Competência Comunicativa em Língua Portuguesa;

A seguir, justificamos a temática escolhida.

1.2 Justificativa

Os estudos de Português Língua Estrangeira, doravante PLE, são pertencentes à área de Linguística Aplicada. No cenário brasileiro, são estudos relativamente novos. Grande parte das universidades iniciaram seus estudos nesta área na década de 1990 e, desde então, têm havido publicações de dissertações, teses, livros e artigos diversos que sinalizam para a necessidade do ensino de língua portuguesa sob outro prisma, em que o processo de ensino para PLE seja diferenciado do processo experienciado no caso de Português como Língua Materna (PLM), cujas aulas não sejam tão centradas no uso da gramática normativa e valorizem mais a oralidade. Dessa forma, são várias as discussões acerca de análise de material didático, metodologias, dentre outros aspectos, que demonstram uma preocupação em trazer oportunidades para discussão mais aprofundada sobre a temática (ALMEIDA FILHO, 2013).

Considerando o contexto do Mercado Comum do Sul – Mercosul, e ainda em conformidade com o crescimento econômico e político dos últimos anos, o Brasil recebeu inúmeros estrangeiros de várias nacionalidades com o intuito de estudar aqui. Grande parte desses estrangeiros é respaldada pelos Programas de Estudantes – Convênio de Graduação (PEC – G) e também do Convênio de Pós-graduação (PEC-PG³), garantidos pelo governo federal.

Dessa forma, tem crescido gradativamente nas universidades brasileiras o interesse pelo PLE, para fins de comunicação em outros contextos (ALMEIDA FILHO, 2007), a saber: atuação no mercado de trabalho, turismo, questões religiosas (no caso de missionários que vêm em missão para o Brasil) e também imigrantes que chegam a solo brasileiro pelos motivos mais diversos. De acordo com os dados da Polícia Federal, divulgados na página da Agência da ONU para Refugiados – ACNUR, totalizaram em 2017, 33.866 pessoas que solicitaram o reconhecimento da condição de refugiado no Brasil (ACNUR, 2018).

O processo de ensino e aprendizagem de PLE, em consequência desse crescimento no número de estrangeiros que optam por viver no (ou visitar o) Brasil, tem atraído à atenção de renomados estudiosos que têm se dedicado a estudar o assunto. Um desses estudiosos (e precursor nessa área no Brasil), Almeida Filho (2007, p. 21), menciona que: “grande parte do ensino de Português Língua Estrangeira (PLE) no Brasil se dá em escolas de idiomas e particularmente nas universidades, em cursos para estudantes visitantes”.

Embora os estudos científicos em PLE tenham aumentando significativamente nos últimos anos, conforme se percebe através do aumento no número de publicações de dissertações e teses oriundas de algumas universidades brasileiras, das quais podemos citar: (i) Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – dissertação de Simone Garofalo, defendida em 2014; (ii) Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) – dissertação e tese de Marina Ayumi Izaki, defendidas em 2013 e 2017, (iii) da Universidade de Brasília (UNB) – dissertação de Miriam Josie Kurcbaum Futer, defendida em 2007, (iv) Universidade Federal da Bahia (UFBA) – dissertação de Kaline Araújo Mendes, defendida em 2006 e (v) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, tese de Fernanda Rangel

3 Os Programas de Estudantes-Convênios de Graduação (PEC-G), assim como de Pós-Graduação (PEC-PG), oferecem oportunidades de formação em nível de graduação e pós-graduação a cidadãos de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordos educacionais e culturais. Fonte: <http://portal.mec.gov.br>.

Pestana Allegro, defendida em 2014. No Tocantins, por outro lado, observa-se ainda uma lacuna de pesquisas pertinentes à temática supramencionada.

Desse modo, a pesquisa com foco em Português Língua Estrangeira configura-se como novidade no estado do Tocantins que, apesar de ser um Estado muito jovem, tem atraído pessoas de várias partes do Brasil e do mundo em virtude de suas belezas naturais e de seu potencial para o agronegócio, dentre outros atrativos (OLIVEIRA, 2019).

Atualmente, a Língua Portuguesa possui um lugar de destaque no cenário mundial. Ela é considerada a quarta língua materna mais falada no mundo, de acordo com a assessoria de comunicação do Ministério da Cultura (PAULA, 2018). Em outras palavras, o Português é uma língua que precisa ser investigada.

CAPÍTULO II – REVISÃO DA LITERATURA

*Ser comunicativo no ensino de língua estrangeira (LE)
é ter uma postura profissional coerente com um conjunto
de pressupostos ditos comunicativos.
Ser comunicativo é diferente de estar comunicativo
para realizar uma atividade com os alunos.*

Almeida Filho (2012, p. 73)

Neste capítulo, são apresentadas as contribuições de estudiosos contemporâneos que têm investigado as práticas pertinentes ao processo de ensino e aprendizagem de línguas, mais especificamente de PLE.

No processo de ensino e aprendizagem de línguas existem duas grandes abordagens: gramatical e comunicativa. A primeira tem foco na estrutura, e abarca a fonologia, a morfologia, a sintaxe e o léxico. Dentre os métodos utilizados nessa abordagem, citamos: gramática e tradução, leitura e audiolingual⁴. Já a segunda valoriza o sentido, ou seja, utiliza-se das funções comunicativas relacionadas a situações reais de uso, tais como: fazer compras, descrever um objeto, um lugar, uma pessoa, dentre outros, conforme destacam Canale & Swain (1980) *apud* Freitas (2013), não deixando de lado a gramática, mas relacionando-a com as experiências comunicativas. Apresentamos a seguir o Quadro 1, esclarecendo as características inerentes a cada abordagem.

Quadro 1: Abordagem gramatical *versus* abordagem comunicativa

Abordagem	Características
Gramatical	<u>Padrão:</u> - organização das aulas por conteúdo gramatical; - língua apresentada de forma fragmentada; - apresentação de vocabulário; - uso constante da língua materna; - baixa proficiência do professor; - o MD propiciador de baixa interação. <u>Comunicativizada:</u> - organização por conteúdos (forma); - atividades, mesmo com objetivos gramaticais, permitem maior

4 Esse método prioriza, inicialmente, as habilidades orais (ouvir e falar), para posteriormente focar nas habilidades escritas (ler e escrever).

- interação;
 - professor que delega responsabilidades aos alunos;
 - as ações do professor que se alternam entre o tradicional (gramatical) e o comunicativo;
 - as atividades do LD que alternam entre forma e significado.
-
- organização das aulas por situações e temas;
 - busca de significado;
 - situações não simuladas;
- Comunicativa**
- discussão e expressão de ponto de vista (controlado e/ou livre);
 - gramática a serviço da comunicação;
 - descentralização do papel básico do professor;
 - interação ampliada professor-aluno e aluno-aluno.

Fonte: FREITAS (2013, p. 68).

De acordo com o Quadro 1, Freitas (2013) aponta duas variantes para a Abordagem Gramatical: a padrão e a comunicativizada. Embora as duas sejam organizadas inicialmente pela forma, na comunicativizada há alternância entre atividades com foco na forma e no significado. Já na Abordagem Comunicativa, as aulas são organizadas por situações ou temas e a gramática está a serviço da comunicação.

A despeito de formas mais eficazes de se ensinar línguas, muito se tem discutido e experimentado nesses últimos 50 anos. Os estudos apontam para a necessidade de que o professor de línguas desenvolva estratégias que contemplem com mais ênfase a Competência Comunicativa, para que o aluno possa adquirir um bom desempenho quanto ao uso real da língua alvo (ALMEIDA FILHO, 2013).

Em conformidade com Almeida Filho (2013, p. 25), “uma abordagem contemporânea de ensinar línguas toma entre outras coisas o sentido ou a significação como requisito central e os compreende como função de uma relação. Algo terá sentido se for tomado em conjunto e em relação a outra coisa”. Freitas (2013, p. 81) acrescenta que “A abordagem é imprescindível para o sucesso da aprendizagem”.

Vale ressaltar que o profissional que possui uma abordagem essencialmente gramatical é diferente daquele que é comunicativo, ou seja, uma abordagem comunicativa envolve ensinar novas maneiras de ensinar comunicativamente, centrada no uso real da língua alvo (ALMEIDA FILHO, 2013, p. 73).

O processo de ensino e aprendizagem de línguas é um processo abrangente e, portanto, envolve vários fatores, entre os quais, a Competência Comunicativa, que contém em si aspectos linguísticos e culturais inerentes à língua-alvo, conforme destaca Almeida Filho (2013).

Nesse sentido, a partir dos tópicos a seguir, buscamos apresentar os conceitos que permeiam a presente temática: (i) Linguística Aplicada, (ii) Linguística da Paz, (iii) Apropriação de Língua Estrangeira, (iv) Português como Língua Estrangeira – PLE, e (v) Competência Comunicativa.

2.1 Linguística Aplicada

Linguística Aplicada – LA é uma ciência que teve sua origem na Linguística Teórica, contudo, não é a aplicação das teorias linguísticas, como se pensava inicialmente. Embora existam posicionamentos diferentes acerca da LA, parte expressiva dos pesquisadores considera que é uma área de estudo ampla e extremamente preocupada com o diálogo, inclusive com outras áreas do conhecimento, com o intuito de compreender melhor os problemas inerentes à linguagem em uso. Dentre essas áreas, podemos destacar: Linguística, Sociologia, Pedagogia, Antropologia e Psicologia (ALMEIDA FILHO, 2008).

Dessa forma, apesar de possuir uma história recente nas terras brasileiras, a LA tem crescido gradativamente e já possui várias pesquisas nas suas principais disciplinas de atuação, que são: ensino e aprendizagem de línguas, tradução, distúrbios de aprendizagem, usos de lexicografia e terminologia, e relações sociais mediadas pela linguagem (ALMEIDA FILHO, 2008).

Entende-se que a palavra-chave para facilitar a compreensão da LA é “problema”, mais especificamente da sociedade, no qual a linguagem esteja envolvida. O seu desenvolvimento perpassa por outras áreas do conhecimento. Esse trabalho coletivo habilita a LA a ser a área do conhecimento mais preparada para que possa dar um retorno positivo à sociedade em relação ao seu campo de atuação, que seja a língua em uso (ALMEIDA FILHO, 2008).

Face ao exposto, a seguir discutimos sobre Linguística da Paz, visto que esses estudos serão úteis na busca por compreender o processo de apropriação da Língua Portuguesa pelo participante desta pesquisa.

2.2 Linguística da Paz

A terminologia Linguística da Paz teve como marco um verbete sobre Linguística Humana, escrito por Gomes de Matos, no posfácio elaborado para o Dicionário de Linguística e Gramática de Câmara Júnior, em 1977 (GOMES DE MATOS, 2009). Posteriormente, na década de 1980, ele utilizou o termo Linguística Humanizadora, para depois se firmar como Linguística da Paz.

Apesar dessa terminologia ser desconhecida do sistema educacional, ela tem muito a nos ensinar, principalmente na atualidade, em que predomina considerável intolerância por parte das pessoas, e isso repercute diretamente no processo educativo. Trata-se de uma linguística aplicada à paz, em que seja valorizado o direito de aprender a “comunicar-se construtivamente para o bem” e isso está em consonância com a Declaração Universal dos Direitos Humanos e ainda a dos Direitos Linguísticos (GOMES DE MATOS, 2009, p. 178).

Esse aspecto é relevante no processo de ensino e aprendizagem de línguas, uma vez que a humanização da fala e da escrita pode contribuir para o aprendiz que deseja adquirir uma nova língua, sobretudo quando ele se encontra fora de sua cultura original. Nesse sentido, a Linguística da Paz tem a contribuir para este estudo, uma vez que o participante veio para o Brasil em missão religiosa, e para cumpri-la ele precisa doar seu trabalho à comunidade em que estará inserido, não apenas na dimensão religiosa, mas também na social. Por outro lado, há necessidade também de acolhimento dele pelas pessoas da comunidade, observando as limitações linguísticas (Língua Portuguesa) que ele pode apresentar por ser falante não nativo.

Sequencialmente, passamos a discutir acerca de apropriação da língua estrangeira.

2.3 Apropriação da Língua Estrangeira

A Aquisição/Aprendizagem e Ensino de Línguas – AELIn é uma das disciplinas da qual a Linguística Aplicada se ocupa. Conforme Freitas (2013, p. 18),

“aprender e ensinar línguas constitui um processo delicado que envolve inúmeras variáveis, intrínsecas e extrínsecas”.

Aquisição é um processo involuntário e está ligada ao subconsciente, enquanto Aprendizagem diz respeito ao conhecimento das regras, portanto, é um esforço consciente (ALMEIDA FILHO, 2008). Embora os termos ‘aquisição’ e ‘aprendizagem’ sejam mais comuns quando se trata da temática que ora investigamos, optamos por utilizar o termo ‘apropriação’. Tal escolha deve-se ao fato de essa terminologia parecer mais adequada para atender ao objetivo desta pesquisa, pois conforme Gomes (2016, p. 22), apropriação é o “processo que permite a um falante situar-se na língua-alvo”. A mesma autora ainda esclarece:

Ao pensarmos no processo de apropriação de línguas estrangeiras, sobretudo em situação de aprendizagem, podemos perceber que a transmissão da língua se dá, majoritariamente, pela via da significação e não do valor. Assim, costuma-se associar um termo estrangeiro a uma entidade supostamente equivalente da língua materna dos aprendizes (GOMES, 2016, p. 65).

Desse modo, privilegiamos o termo ‘apropriação’, por entendermos que este é mais adequado no caso investigado. Vale observar que esse processo está intimamente ligado a questões pessoais ou de grupos em que o aprendiz esteja inserido. Nesse sentido, também a abordagem utilizada pelo professor é extremamente importante, além de outras inúmeras questões que envolvem todo o processo de ensino e aprendizagem de uma forma geral, conforme salientam Almeida Filho (2013) e Freitas (2013).

Na próxima seção, discutimos sobre Português como Língua Estrangeira. Apesar de no contexto tocantinense ser uma novidade, não o é em outras universidades brasileiras, conforme pode ser verificado ao pesquisar os repositórios de teses e dissertações em universidades brasileiras. Os estudos sobre PLE têm avançado gradativamente no país, sob a perspectiva de um tratamento diferenciado para o ensino de PLE, se comparado a PLM.

2.4 Português como Língua Estrangeira – PLE

Inicialmente, ainda no Brasil Colônia, a língua portuguesa era ensinada aos índios como língua estrangeira. Entretanto, segundo Almeida Filho (2012, p.

723), “como área de atuação profissional acadêmico-científica, pode ser datada de pouco mais de 20 anos”.

O ensino de línguas no Brasil sofreu várias modificações ao longo dos anos, desde os tempos do Império até os dias atuais (HELB, [s.d.]). As constantes transformações que vêm ocorrendo na sociedade contemporânea repercutem diretamente em várias áreas, sobretudo na área da linguagem. Nesse sentido, a universidade, além de produzir conhecimento, deve também primar por atender às necessidades do mercado de trabalho e da sociedade.

Nessa perspectiva, o PLE é uma demanda atual, e por outro lado, não deve ser ensinado da mesma forma, como geralmente o é nas escolas regulares – português como língua materna.

De acordo com Almeida Filho (2012, p. 728),

A percepção de que temos uma prática institucionalizada crescente em novos postos de ensino do Português para Falantes de Outras Línguas no Brasil e no exterior abre caminho para a instauração dessa especialidade no campo da Teoria do Ensino e Aprendizagem das Línguas, campo esse constituinte da Linguística Aplicada contemporânea brasileira.

Almeida Filho (2012) defende a necessidade de inclusão de PLE no currículo dos cursos de Letras. Entretanto, há aparente falta de interesse, talvez por desconhecimento por parte de quem os elabora, da importância de uma formação específica nessa área. Tal necessidade gira em torno de que, na perspectiva de PLE, o ensino da língua é percebido sob uma dimensão comunicacional, ou seja, mais interativa em oposição à dimensão gramatical, mais fundada na estrutura (ALMEIDA FILHO, 2012).

É pertinente mencionar que já existe no Brasil, a exemplo da Universidade de Brasília – UNB, o curso de Licenciatura em Letras – Português do Brasil como Segunda Língua. Conforme a ementa do curso, disponível na página da instituição na *internet*, o curso

tem como por meta a formação de professores de língua portuguesa para ensinar o português do Brasil - língua, literatura e cultura – a falantes e usuários de outras línguas. O curso, que se circunscreve em um contexto de políticas linguística, foi criado com o objetivo principal de atender a comunidades que, no Brasil, não têm o português como primeira língua e que, no exterior, desejam aprender o português do Brasil como língua de comunicação internacional (LIP.UNB, [s.d.]).

Outrossim, nessa mesma universidade, há a oferta da disciplina de Português como Segunda Língua e Língua Estrangeira em nível de Pós-Graduação, tanto *lato sensu* quanto *stricto sensu*. Também há um programa permanente de extensão disponível no Núcleo de Ensino e Pesquisa de Português para Estrangeiros – NEPPE, que oferece curso de português para estrangeiros.

No Quadro 2, Batista e Alarcón (2012, p. 4) demonstram as especificidades do ensino de PLE e PLM.

Quadro 2: Contrastivo entre o ensino convencional de PLM e PLE

Ensino de PLM	Ensino de PLE
Ensino da gramática da língua. (Mesmo que o estudo da Linguística tenha contribuído para uma nova percepção da língua ligada à sociedade e suas variações linguísticas, e os PCNs atribuírem esse conceito para o ensino de PLM, impera em muitas escolas o ensino da gramática, porém alguns professores buscam formas de ensinar a gramática contextualizando em cada ambiente comunicativo).	Ensino do uso da nova língua em pequenos contextos ilustrativos de como a língua funciona.
Ensino de língua-padrão (norma culta) sem considerar a existência de variações.	Ensino duma variante padrão de prestígio e variações regionais (da professora, p. ex).
Produção da escrita com leitura sem muita atenção à oralidade.	Oralidade tem de ser instaurada. Leitura e escrita vão entrando conforme as necessidades
Adquirir conhecimentos estruturais (gramaticais) sobre a língua para que se aprenda a utilizá-la corretamente	Língua adquirida para fazer e reconhecer sentidos.
Inadequação de concepção de L como forma. Mais correção em exercícios pelas normas padronizadas.	Adequação do uso da nova língua do ponto de vista sócio-histórico e cultural, pois nele a norma padrão é naturalmente adequada.
Abordagem de ensino enraizada na tradição latina via análise lexical e sintática. Exercícios de análise de combinação das palavras em orações. Exercícios de interpretação textual sem abranger com amplitude os pontos de vista múltiplos das vozes em sala de aula.	Foco no aluno, cuidando de aspectos afetivos. Interesses dos alunos consultados. Estimulo a trabalhos em grupo via tarefas e projetos.

Fonte: BATISTA e ALARCÓN (2012, p. 4)

No Quadro 2, verifica-se que no ensino de PLM o foco é: a norma culta, sem considerar as variações; a produção escrita; a aquisição de conhecimentos gramaticais; e a concepção de língua como forma. No ensino de PLE, por outro lado, o foco é: a norma padrão e as variações regionais; oralidade; aquisição da língua para fazer e reconhecer sentidos; e adequação do uso da língua do ponto de vista sócio-histórico e cultural.

Sob essa perspectiva, o ensino de PLE é distinto do ensino de PLM. Enquanto esse possui abordagem gramatical, mais ligada à tradição latina, desconsiderando a oralidade; aquele é mais dinâmico e focado na oralidade, traços mais característicos da abordagem comunicativa. No caso de PLE, o foco é a aprendizagem do aluno, e para isso utiliza-se de fatos do cotidiano para que o uso da língua estudada faça sentido, sendo, assim, significativo.

A seguir tratamos da Competência Comunicativa, relevante no processo de ensino e aprendizagem de línguas não maternas.

2.5 Competência Comunicativa

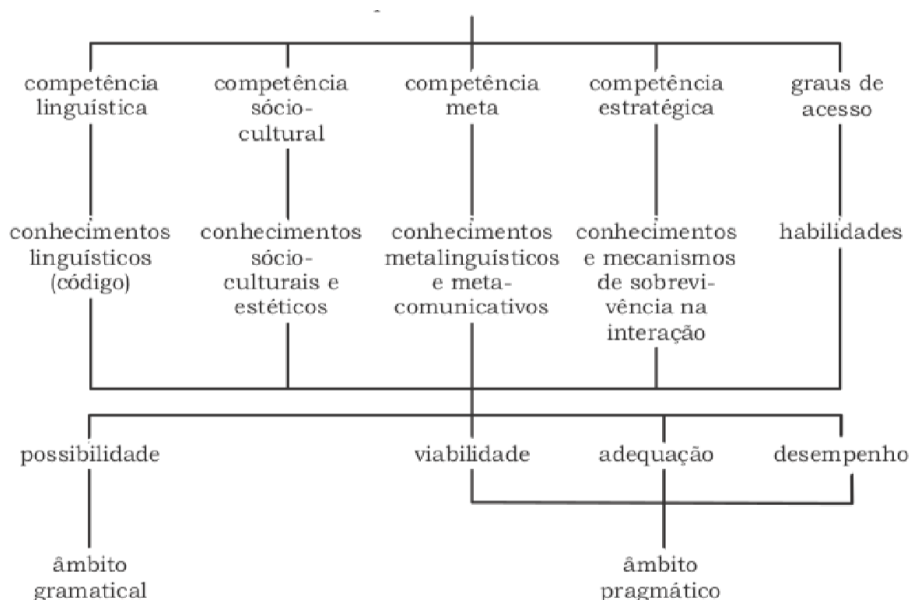
O termo Competência Comunicativa tem sido foco de debates da área de ensino e aprendizagem de línguas há mais de 40 anos. Apesar do movimento comunicativo, iniciado na década de 1972, ter evidenciado, em vários resultados de pesquisas, impacto positivo no processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras (FREITAS, 2013), de acordo com Almeida Filho (2012, p. 79), “o cenário não tem se modificado com muita rapidez nem dentro e nem fora do país nos últimos anos”.

Inicialmente, Chomsky (1965) propôs a utilização do termo Competência, referindo-se à pessoa que possuía o conhecimento geral da língua (estrutura). Enquanto que, de forma dicotômica, o termo Desempenho ocupava-se do uso real da língua (oral) e, portanto estava ligado a situações concretas. Entretanto, a dimensão social/cultural foi vinculada ao termo competência por Hymes (1979). Da mesma forma, estudiosos como Canale e Swain (1980), Canale (1983), Tarone (1980) e Widdowson (1989) desenvolveram seus estudos sob esse mesmo entendimento. Posteriormente, Almeida Filho (2013) apresentou uma representação

pictórica, com o intuito de explicitar o construto Competência Comunicativa, englobando os estudos dos autores supramencionados (FREITAS, 2015, p. 27).

Assim, a Competência Comunicativa demanda vários conhecimentos (não apenas o linguístico), incluindo os contextos social e cultural, como se pode observar na Figura 1.

Figura 1: Competência Comunicativa



Fonte: ALMEIDA FILHO, 2013, p. 15.

Conforme representado na figura 1, a Competência Comunicativa inclui: (1) a competência linguística; (2) a competência sociocultural; (3) competência meta e, (3) a competência estratégica. A primeira competência é o conhecimento dos itens lexicais, das regras morfológicas, da sintaxe, da fonologia e ainda da semântica frasal. A segunda inclui as regras socioculturais de uso pragmático e regras do discurso, abrangendo a coesão e a coerência e, portanto, é também o conhecimento estético. A terceira é o conhecimento metalinguístico e metacomunicativo, que é o que assegura a compreensão do texto. E, por fim, a quarta competência é composta de estratégias comunicativas utilizadas para compensar os lapsos na comunicação (ALMEIDA FILHO, 2013, p. 15).

Ainda, referindo-se à figura 1, Almeida Filho (2013, p. 31) esclarece:

todas as dimensões do ensino construído ao longo do tempo podem ser trabalhadas ordenadamente (da direita para a esquerda) do planejamento à avaliação, passando pela produção dos materiais e pelo método propriamente dito, quando se tratar de uma situação nova de ensino.

Conforme Almeida Filho (2013, p. 14), “comunicar-se é atividade que apresenta alto grau de imprevisibilidade e criatividade (no sentido gerativo e imaginativo) tanto na forma quanto nos sentidos construídos no discurso”. Dessa forma, nesta investigação, foi necessário compreendermos esse termo, a fim de entendermos a história de vida de nosso participante, com ênfase na apropriação da Língua Portuguesa, visando verificar a Competência Comunicativa dele.

A seguir, iniciamos um novo capítulo para tratar dos procedimentos metodológicos.

CAPÍTULO III: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

“Não ser comunicativo é construir o ensino em torno das formas da linguagem, principalmente as formas gramaticais. O professor pode ser bem intencionado, sincero, otimista e ainda assim não proporcionar condições comunicativas de aprendizagem”.

Almeida Filho (2013, p. 73)

Considerando a investigação em comento, de início, buscamos entender o interesse do missionário em viver no Brasil e, conseqüentemente, fazer uso da língua portuguesa rotineiramente. Com este intuito, empreendemos uma pesquisa de cunho qualitativo, em virtude de ser uma tentativa de compreender os desafios e possibilidades do ensino de PLE, residindo no Brasil.

Da mesma forma, por envolver a colaboração de um participante, buscamos também entender a ética na pesquisa. Utilizamos o estudo de caso, especificamente a história de vida, cuja ferramenta de coleta de dados foi entrevista semiestruturada. Realizamos duas entrevistas gravadas e posteriormente transcritas, conforme disponibilizadas nos apêndices. A primeira, foi realizada em 11 de outubro de 2018, após Patrick passar cerca de 4 (quatro) meses entre a Irlanda e os Estados Unidos. A segunda, foi realizada em 3 de fevereiro de 2019, ou seja, quase 4 (quatro) meses após a sua chegada ao Brasil, após um período em que precisou comunicar-se muito em virtude das celebrações natalinas, das festividades de final de ano e dos festejos em sua paróquia, que ocorrem em janeiro.

O participante desta pesquisa, após aceitar a missão de vir para o Brasil, mesmo sem nenhuma experiência com a Língua Portuguesa, chegou em solo brasileiro em 1994, especificamente em Brasília, no Centro de Formação Intercultural – CENFI, com o intuito de ter o primeiro contato com a Língua Portuguesa, assim como com a cultura brasileira.

A seguir, trazemos conceitos de cada um desses procedimentos que foram utilizados, a saber: pesquisa qualitativa e ética na pesquisa, estudo de caso, história de vida e entrevista semiestruturada; além de sucinta descrição do

participante. A compreensão desses conceitos é relevante para entender o resultado desta investigação.

3.1. Pesquisa qualitativa e ética na pesquisa

A pesquisa qualitativa ou naturalística, de acordo com Bogdan e Biklen (1982 *apud* LÜDKE e ANDRÉ, 2014, p. 14), “envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo que o produto [...]”. Acrescenta também, que essa abordagem busca retratar a perspectiva dos participantes.

A ética na pesquisa, por sua vez, trata-se da regulação das relações entre o pesquisador e o pesquisado, portanto deve permear todo o nosso trabalho. Em conformidade com Flick (2009, p. 51),

esses códigos de ética exigem que a pesquisa deva estar baseada no consentimento informado, ou seja, no fato de que os participantes do estudo concordam com base na informação fornecida pelos pesquisadores.

Da mesma forma, os códigos visam evitar prejuízo ao participante. Não se pode invadir a privacidade deste nem tão pouco deixá-lo alheio quanto ao objetivo da pesquisa e também de seus resultados (FLICK, 2009, p. 51).

Após a apresentação do tipo de pesquisa desenvolvida e também tratarmos da questão da ética na pesquisa, passamos à próxima seção com o estudo de caso, que foi a metodologia utilizada para investigar a Competência Comunicativa do nosso aprendiz.

3.2 Estudo de caso

Segundo Lüdke e André (2014, p. 20), “quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si, devemos escolher o estudo de caso”. Nessa perspectiva, para caracterizar o estudo de caso, Lüdke e André (2014, p. 20-24) apontam sete características para este tipo de investigação qualitativa:

- (1) visam a descoberta, uma vez que podem surgir, em qualquer momento, novos elementos e aspectos importantes para a investigação, além dos pressupostos do enquadramento teórico inicial; [...]
- (2) enfatizam a interpretação em contexto, pois todo o estudo desta natureza tem que ter em conta as características da escola, o meio social

em que está inserida, os recursos materiais e humanos, entre outros aspectos; [...]
 (3) retratam a realidade de forma mais completa e profunda; [...]
 (4) usam uma variedade de fontes de informação; [...]
 (5) permitem generalizações naturalistas; [...]
 (6) procuram representar as diferentes perspectivas presentes numa situação social; [...] e
 (7) utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que outros métodos de investigação. [...].

Discutimos, na próxima subseção, acerca da história de vida.

3.2.1 História de vida

A história de vida caracteriza-se pelo vínculo entre pesquisador e pesquisado. É uma técnica para coletar dados a partir da história de vida do participante da pesquisa. Conforme Silva et. al. (2007, p. 31):

a experiência de relatar sua história de vida, oferece àquele que a conta uma oportunidade de (re)-experimentá-la, re-significando sua vida – o que implica numa dimensão ética do estudo, trazendo uma contribuição que consideramos essencial.

Assim, através da história de vida, possibilitamos ao entrevistado contar sua própria história no seu ritmo, de maneira que não se sentisse pressionado e nem tão pouco constrangido com perguntas em que não estivesse à vontade para responder. Posteriormente, buscamos confrontar as teorias com os relatos colhidos com o intuito de construir a nossa análise e assim respondemos à nossa inquietação inicial.

A utilização dessa metodologia foi essencial para este estudo, visto que conhecendo a história de vida do participante da pesquisa foi possível entender o seu processo de apropriação de PLE.

Na sequência, discutimos sobre a ferramenta utilizada para coleta das informações, ou seja, a entrevista semiestruturada.

3.2.2 Ferramenta: entrevista semiestruturada

A coleta de registros ocorreu por meio de uma entrevista semiestruturada, que é um tipo de entrevista caracterizada pela espontaneidade. Segundo Flick (2009), o interesse por este tipo de entrevista se deve “[...] à expectativa de que é

mais provável que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos em uma situação de entrevista, com planejamento aberto do que em uma entrevista padronizada ou em um questionário” (FLICK, 2009, p. 143).

Nesse mesmo sentido, Lüdke e André (2014, p. 39) consideram a entrevista como “um dos instrumentos básicos para coleta de dados”. Ao escolhermos a entrevista semiestruturada, pretendemos fazer o oposto do que vemos muitas vezes através dos meios de comunicação de massa, em especial a TV, em que o entrevistador nem sempre permite que o entrevistado fale seu ponto de vista. Na verdade, muitas vezes chega a antecipar a resposta, forçando seu entrevistado a respondê-lo, sem ter a liberdade para exprimir o que realmente pensa.

Na presente investigação, deixamos que o entrevistado discorresse sobre seu processo de aprendizagem, baseando tão somente em suas memórias, conforme propõem os estudiosos. Dessa forma, coletamos os registros para investigar como se deu a aprendizagem do nosso aprendiz de português como língua estrangeira.

A seguir, apresentamos um pequeno contexto histórico da Irlanda, para posteriormente identificarmos o participante da pesquisa, Patrick Mayo, que gentilmente aceitou participar da nossa pesquisa.

3.3 Contexto histórico da República da Irlanda

A República da Irlanda tem uma história marcada por um período de dificuldade e isso repercutiu diretamente na vida de nosso participante. Nesse sentido, é relevante estudar o contexto histórico irlandês na presente pesquisa.

Por volta do final do século XVI e início do século XVII, período de domínio da Inglaterra, os habitantes daquele país passaram muita fome nos anos de 1846 e 1847. Isso forçou a população a migrar para os Estados Unidos. Dessa forma, uma população que já beirava os 8 milhões, ficou reduzida para 4 milhões (KILLEEN, 1994).

O pior de tudo é que havia comida no país, entretanto a coroa inglesa levava tudo que era produzido no país para a Inglaterra. Este país impunha leis severas e antidemocráticas, proibindo que os nativos católicos fossem donos de

terra, o máximo que podiam era alugar alguns hectares e se não conseguissem pagar o aluguel eram dispensados à beira das estradas. Isso não se aplicava aos protestantes, estes tinham a permissão para serem proprietários (KILLEEN, 1994).

Nessa perspectiva, houve muitos conflitos no país. Em 1918, quando acabou a primeira guerra mundial, apenas começava para a Irlanda a guerra civil, na qual os irlandeses reivindicavam a independência da Inglaterra, que os dominavam de forma impiedosa. Depois de três anos de luta, os irlandeses lograram êxito. Desse modo, os soldados ingleses deixaram a maior parte do país, concentrando-se e exercendo o controle onde conhecemos como Irlanda do Norte (KILLEEN, 1994).

Por outro lado, alguns irlandeses não concordaram com o tratado de paz firmado com a Inglaterra, portanto desencadeou uma nova guerra civil, também conhecida como guerra entre irmãos, exatamente porque havia ódio entre os próprios irlandeses, vizinhos, e perdurou por vários anos (KILLEEN, 1994).

Inserido no contexto irlandês do século XX, Patrick relata que teve parentes que passaram fome, ele não passou; entretanto quando estava no Seminário, sofreu as consequências, sobretudo da 2ª Guerra Mundial.

3.4 A história de Patrick Mayo

Patrick, nome fictício dado ao voluntário da pesquisa, nasceu em Easkey, no Condado⁵ de Sligo, na Irlanda em 05/11/1940, foi ordenado padre em 19/06/1966, na Diocese de Killala. Inicialmente, trabalhou de 1966 a 1967 em Londres, depois retornou à Irlanda onde trabalhou até 1968, em Ballycroy, no Condado de Mayo. Nesse mesmo Condado, atuou de 1968 até 1971, em Kilmore, de 1971 a 1986, em Ballina e de 1986 a 1988, em Kilfian.

Na sequência, já no final dos anos 1980, quando a taxa de desemprego estava alta em sua terra natal e havia uma nova onda de imigração para a América, sobretudo de jovens irlandeses, ele foi enviado ao bairro Bronx, em Nova York, com o intuito de acompanhar esses jovens imigrantes, permanecendo até o primeiro semestre de 1994.

Finalmente, por meio da Missão Diocesana Killala, do Estado de Mayo, Irlanda, veio para Brasil no segundo semestre de 1994 e desde então vive na

⁵ Um condado é similar a um estado no Brasil. Ao todo a Irlanda possui 4 províncias e 32 condados (KILLEEN, 1994).

mesma cidade do interior do Estado do Tocantins, onde nos concedeu duas entrevistas com o intuito de colaborar com os estudos de Português como Língua Estrangeira.

Sua vinda para o Brasil tem como pano de fundo um pedido do Papa João Paulo II, que reivindicava uma distribuição mais justa dos sacerdotes, uma vez que a proporção sacerdote-povo na diocese de Killala era de 1: 800; no Brasil, (especificamente em sua diocese), era de 1: 10.000.

Durante esse período no Brasil, houve alguns jovens leigos⁶ irlandeses que o acompanharam em sua missão no Brasil, por período de um ou dois anos, segundo o participante.

Ao longo desses anos, ele tem se empenhado em construir igrejas e capelas em cada localidade que faz parte de sua paróquia, a fim de que os fieis tenham um local onde possam manifestarem a sua fé. Atende cerca de 35.000 pessoas em um raio de 160 quilômetros, incluindo duas paróquias, 22 comunidades rurais e 6 urbanas. Da mesma forma, com a ajuda de voluntários irlandeses, tem conseguido desenvolver projetos na área da educação e também da agricultura.

Conheci o voluntário desta pesquisa em meados de novembro de 1994, no Centro de Formação Intercultural – CENFI em Brasília. Recordo que estava voltando de ônibus de São Paulo para o Tocantins, quando parei em Brasília. Encontrei um dos meus patrões, que também era irlandês e estava vindo de Belo Horizonte – MG rumo ao Tocantins. Ao encontrá-lo, pegamos um táxi e fomos até o CENFI com o intuito de pegar o carro que ele havia deixado neste Centro. Ao chegar, fomos até o quarto do missionário Patrick que ficou muito feliz com a presença de seu conterrâneo e ali fomos apresentados e permanecemos algumas horas conversando com ele. Ele falava pouquíssimas palavras na Língua Portuguesa, e estava sempre consultando um dicionário e as suas anotações. Também notei que havia outros estrangeiros naquele local.

Depois que ele veio morar no interior do Tocantins, frequentemente passava alguns dias na residência episcopal, onde eu trabalhava como secretária do bispo, e uma vez ou outra tive a oportunidade de auxiliá-lo quando tinha dúvida com relação à pronúncia de alguma palavra.

⁶ O termo “leigo” no ambiente religioso é utilizado para referir-se a pessoas que não possuem formação para padres ou freiras.

Todos os anos ele retorna aos Estados Unidos com o intuito de desenvolver algum trabalho missionário e, conseqüentemente, obter subsídios financeiros para a manutenção dos projetos sociais de sua diocese.

Embora Patrick não tenha obtido muitos êxitos durante o período de estudo formal, ele apropriou-se da língua portuguesa em seu contexto de uso, ou seja, a partir de quando ele assumiu a sua missão religiosa no Tocantins.

Buscamos analisar as informações coletadas no capítulo seguinte.

CAPÍTULO IV: ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

“O professor comunicativo levanta as expectativas do grupo, codifica seus tópicos e temas, prepara o momento e forma de contato com a nova língua, e acima de tudo, mantém ou imprime um ritmo justo de busca de aprendizagem por parte dos alunos”.

Almeida Filho (2013, p. 82 e 83)

Este capítulo é constituído da análise realizada a partir das teorias estudadas e da investigação realizada embasada na história de vida do participante.

4.1 Análise e Discussão

Patrick, ao tentar rememorar sua experiência com a Língua Portuguesa antes de sua chegada ao Brasil, compara-a a de outros missionários que ele conheceu em solo brasileiro. Diferentemente deles, que tiveram acesso a algum tipo de preparação linguístico-cultural antes de embarcar para o país, ele não teve essa oportunidade, pois veio direto dos Estados Unidos. Ele relata que anterior a sua chegada ao Brasil “tinha problemas também quando ouvia pessoas de outros países, especificamente da Itália, da Espanha, [...] pensava que eles estavam falando a língua portuguesa”.

De acordo com o participante, ele começou “**de**⁷ estudar todos os dias, aulas, e era difícil para conversar porque não tinha **essa** dom, mas depois [...] em Tocantins [...] comecei a falar com o povo na rua e aprendi mais lá que na aula”. Isso reforça o que menciona Gomes, (2016, p. 95), acerca da apropriação de línguas estrangeiras, [...] “já que é através da expressão oral e auditiva, portanto, na fala falada e escutada, que ocorre a apropriação”. Assim, para Patrick participar da comunidade, interagindo com o ‘povo’ foi essencial no seu processo de desenvolvimento da Competência Comunicativa em Língua Portuguesa.

Essas aulas, a que Patrick se refere, foram ofertadas pelo CENFI, em Brasília, por um período de 4 (quatro) meses. No presente, esse Centro (CENFI) ainda oferta o Curso de Português para Missionários Estrangeiros, mas com duração de 6 (seis) semanas, correspondendo a 144 (cento e quarenta e quatro

⁷ Destacamos, em negrito, algumas inadequações linguísticas presentes na fala do participante.

horas) horas/aulas. Esse curso inclui estágio em casa de família no decorrer dele, em conformidade com as informações disponíveis na página da instituição na *internet*:

CURSO DO CENFI – Estaremos realizando um único curso do CENFI que se destina exclusivamente para missionários/as que vem para viver a missão no Brasil por um tempo mais longo. Esse curso contempla as quatro áreas integradas: Vida comunitária; estudo da formação da sociedade brasileira e da vida eclesial; estágio em casa de família e estudo da língua portuguesa. (CCM, [s.d.]).

Nessa perspectiva, Patrick mencionou que “[...] a aula é muito importante para aprender muitas coisas, então, mas a pedra fundamental é: as aulas primeiro e depois **falando** na rua, porque **estamos escrevendo** a língua diferente do que **estamos falando** a língua” .

De fato, muitas vezes é necessário fazer uma ponte entre a língua falada e a língua escrita, agravadas pelas diferenças regionais do Português falado no Brasil. Isso faz com que seja dificultado o aprendizado da Língua Portuguesa, especialmente quando o aprendiz é estrangeiro.

No entendimento de Patrick, apesar de 24 anos vivendo no Brasil, “[...] Eu não tenho **muito** capacidade ainda, mas eu tenho o suficiente e o povo tem muita paciência comigo. Quando eu vou convidar **pessoas na igreja para reunião eles vão aparecer**, não sei como, é **uma** milagre”.

Considerando que, diferentemente do período que passou no CENFI, durante o qual Patrick conviveu com pessoas que falavam inglês; quando ele chegou ao Tocantins, ele assumiu a responsabilidade por uma paróquia no interior do estado e, para realizar seu trabalho, precisou apropriar-se da Língua Portuguesa, tendo em vista a necessidade de desenvolver sua ação pastoral, o que lhe exigia usar a língua local.

Indubitavelmente, no ambiente em que o Patrick está inserido, predomina uma linguagem de paz. De um modo geral, as pessoas não vão à igreja para observarem a linguagem do padre, mas sim em virtude da fé que professam, para compartilhar experiências e auxiliarem-se mutuamente. Em conversa informal com algumas paroquianas do reverendo Patrick, entendemos que elas sempre buscam compreendê-lo e, devido aos 24 anos de convivência, elas entendem a sua linguagem. Por isso, sempre aparecem quando ele os convida para alguma reunião,

conforme mencionou em sua entrevista. Dessa forma, para essas pessoas, o que importa é a sua comunicação para o bem, e não essencialmente que ele se comunique ‘bem’ (norma padrão), segundo Gomes de Matos (2005).

Para esse estudioso, defensor da Linguística da Paz, “somos não só criaturas cognitivas, comunicativas, culturais, mas também criaturas com potencial construtivo para o bem”. Desse modo, ele advoga que “Comuniquemo-nos para o bem, é necessário saber construir frases e textos não somente de maneira clara, concisa, coerente, coesa, correta, mas também construtiva, promotora de paz” (GOMES DE MATOS, 2005, p. 18). Nesse ambiente paroquial, Patrick e a comunidade atuam conjuntamente para que a comunicação ocorra adequadamente e de maneira construtiva.

Durante o seu relato, o participante mencionou que sempre sonhara em ser missionário no Brasil. Dom Thomas, seu bispo irlandês, também lhe confidenciou que nutria, antes de assumir o bispado, esse mesmo sonho. Na função de bispo, não hesitou quando recebeu o convite de enviar padres de sua Diocese ao Brasil. Pelo contrário, incentivou Patrick quando ele lamentou sobre a sua dificuldade em aprender uma língua estrangeira, afirmando que as pessoas iriam esquecer as palavras dele, mas jamais esqueceriam a maneira como ele as trataria. Isso reforça o que diz Gomes de Matos (2005) quando menciona a Linguística da Paz.

A compreensão das pessoas, essencialmente que fazem parte do cotidiano, faz com que ele se sinta encorajado a buscar sempre novas estratégias de comunicação, bem como a melhoria de vida para as pessoas menos favorecidas que fazem parte da sua Paróquia, o que tem tido reconhecimento⁸ por parte de toda a comunidade e até mesmo do poder público, que muitas vezes é omissa em suas obrigações.

Por outro lado, a disponibilidade das pessoas próximas em colaborar com o seu trabalho missionário e ajudar quando ele precisa se comunicar com outras pessoas que não fazem parte de sua paróquia e, portanto, não familiarizados com sua fala (rapidez, sotaque e inadequações linguísticas – em negrito nos excertos extraídos das entrevistas), o que muitas vezes pode dificultar a comunicação dele com seus interlocutores.

8 Patrick foi uma das 24 personalidades do Tocantins prestigiadas com a Comenda “Ordem do Mérito Legislativo”, oferecido pela Assembleia Legislativa do Tocantins por ocasião da comemoração dos 30 anos do Tocantins, que ocorreu em novembro de 2018.

De acordo com Almeida Filho (2013, p. 25):

Aprender uma LE, por outro lado, abrange igualmente configurações específicas de afetividade (motivações, capacidade de risco, grau de ansiedade, pressão do grupo) com relação a essa língua-alvo que se deseja e/ou necessita aprender. Os interesses, e até mesmo ocasionais fantasias pessoais, vão ser atendidos ou frustrados ao longo do processo de ensino-aprendizagem. Dessas configurações de afetividades podem surgir motivação ou resistência em variados matizes.

De certa forma, a vinda de Patrick para o Brasil representava o sonho dele e do bispo. Isso, certamente, apresenta-se como fator motivacional, que o encorajou a vencer essas barreiras da língua e seguir em frente, apesar das suas limitações em decorrência da dificuldade em aprender a Língua Portuguesa.

Outra motivação é que, durante todo o período em que viveu no Brasil, ele sempre esteve na mesma paróquia. Nesse sentido, ele disse haver, inicialmente, visitado outros lugares, porém “aqui eu gostei”, referindo-se ao lugar onde atua. Ele criou vínculos fortes com as pessoas da comunidade e elas com ele, assim, a compreensão mútua parece natural. Nessa paróquia, ele atende cerca de 35.000 pessoas em um raio de 160 quilômetros, incluindo duas paróquias, 22 comunidades rurais e 6 urbanas, ou seja, a maior parte de seus paroquianos vivem nas comunidades rurais e a maioria não possui o domínio da língua padrão, ocorrendo então variações linguísticas, o que prejudica a apropriação.

Outro aspecto que deve ser considerado é que todos os anos ele sempre retorna ao seu país natal e também vai aos Estados Unidos. No primeiro para visitar seus familiares e no segundo para desenvolver trabalho missionário, que lhe possibilita angariar recursos financeiros para manutenção de seus projetos sociais no Brasil. Esse não convívio cotidiano com o português, ele considera impactar negativamente na sua expressividade em Língua Portuguesa, como se pode observar no neste trecho da entrevista:

Todos os anos quando eu visito os Estados Unidos e a Irlanda eu **estou voltando eu estou falando** a língua portuguesa pior. Então, mas o povo está acostumado **de mim**, quando eu vou celebrar casamentos aqui na minha paróquia, as pessoas estão acostumadas, mas pessoas fora da paróquia **vão dizer**: “como você vai entender esse homem, ninguém sabe o que ele está falando? Mas graças a Deus está funcionando, com freio de mão”.

Além dessas viagens, outro aspecto relevante é que, mesmo frequentando aulas por 4 meses, Patrick menciona não ter obtido muito êxito.

Convém trazer à baila que, juntamente com ele, havia mais 60 missionários que falavam inglês. Dessa forma, eles se comunicavam na língua inglesa e isso o prejudicou sobremaneira, visto que a língua-alvo, ou seja, a língua portuguesa era utilizada apenas em sala de aula.

Nessa mesma entrevista, ele mencionou que, no curso, havia uma única religiosa de descendência japonesa e ela não falava inglês. Segundo Patrick, ela sofria mais que eles, falantes de inglês, pois ela não tinha com quem falar na língua materna dela. De maneira idêntica, quando o irlandês veio para o Tocantins precisou se comunicar em Língua Portuguesa, devido à grande área de sua paróquia e, portanto, grande volume de trabalho, o contato direto com falantes de português era inevitável, bem como a escassez de tempo para dedicar-se aos estudos da Língua Portuguesa.

Não obstante, mesmo em território brasileiro ele tinha contato frequente com a língua inglesa. Inicialmente, havia nesta mesma cidade outro missionário, também irlandês com quem se encontrava regularmente. Além disso, havia em sua diocese outros irlandeses regularmente: o seu próprio bispo, com quem mantinha contato ocasionalmente; e outros missionários estrangeiros que viviam temporariamente na região. Além de jovens de seu país natal, que vinham a fim de contribuir com os projetos sociais desenvolvidos pela paróquia. E nesse período em que estes viviam aqui no Tocantins, eles residiam na casa do reverendo, e assim comunicavam-se em inglês no dia a dia.

Embora ele tenha realizado o curso de PLE no Brasil, o fato de estar regularmente em contato com falantes de inglês o prejudicou sobremaneira, como ele mesmo menciona:

E também havia duas pessoas falando língua portuguesa nesse curso, quando **estamos livre** estava conversando em inglês. Não tinha muita oportunidade de conversar na língua portuguesa. Era difícil porque **estava muitos** estrangeiros juntos, e **não podia** conversar na língua portuguesa, havia pessoas dos Estados Unidos, da Inglaterra, da Austrália. Esse é o problema. Gostei do curso, mas eu não aprendi muitas coisas lá. Mas a prática... Eu comecei do zero, conversando com o povo na rua, ouvindo as pessoas. O curso foi artificial. Mas é melhor **de começar** antes a se preparar. É possível que tenha curso na Irlanda, mas eu chequei direto dos Estados Unidos para cá e não tive a oportunidade. Eu não tenho dom para aprender, para aprender língua nova. Pessoas que me acompanharam, aprenderam mais rápido **de mim**, porque eles tinham o dom.

Analogicamente, as variações linguísticas vivenciadas no convívio cotidiano com o ‘povo’ (zonas rural e urbana), bem como os contatos regulares com falantes de inglês (incluem-se as viagens anuais à Irlanda e aos Estados Unidos) e o seu problema de audição fizeram com que ele não se apropriasse efetivamente da Língua Portuguesa. Durante as entrevistas com esta pesquisadora e nas repetidas vezes que essas foram ouvidas para transcrição e análise, fica evidente a interferência da língua inglesa na fala (oralidade) do participante: sotaque acentuado, dificuldade em pronunciar certas palavras/sílabas, regras gramaticais, confusões lexicais.

Os relatos de Patrick evidenciam que existe comunicação efetiva entre ele e a comunidade que com ele tem convivido durante esses mais de 20 anos que ele está no Tocantins. Retomando Almeida Filho (2013, p. 14), que afirma haver na ação comunicativa “alto grau de imprevisibilidade e criatividade” (na forma e no sentido), ao explorar a história de vida do participante, verifica-se que de fato a comunicação acontece a contento, mesmo diante de inadequações frequentes.

Assim, parece plausível considerar que houve desenvolvimento na Competência Comunicativa do participante na Língua Portuguesa, uma vez que, segundo Almeida Filho (2013), essa engloba aspectos linguísticos e culturais. Se, por um lado, a fala de Patrick apresenta impropriedades, considerando a norma padrão e a pronúncia (formal ou informal), por outro lado, ele conseguiu se integrar de forma satisfatória à comunidade, ou seja, incorporar a cultura local, de tal modo que as barreiras linguísticas tornaram-se diminutas se comparadas ao convívio cotidiano e ao serviço prestado por ele à comunidade.

Repetidamente, ele relatou que não foi fácil por que não tinha o dom com línguas e em virtude da idade avançada, que também lhe trouxe problemas de audição. Certamente, embora não tenha sido esse o foco deste estudo, esses fatores podem ter impactado na apropriação da Língua Portuguesa pelo participante e no desenvolvimento do aspecto linguístico, parte da Competência Comunicativa.

No próximo capítulo, passamos às considerações finais.

CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação, que ora apresentamos, resultou do interesse em investigar a Competência Comunicativa em Língua Portuguesa como Língua Estrangeira de um missionário irlandês, Patrick Mayo, que se viu imerso na língua-cultura brasileira sem conhecimento prévio desta. Ele veio para o Brasil em 1994, com o intuito de assumir uma missão junto a uma paróquia no interior do Estado do Tocantins. Para atingir o objetivo geral proposto, ele foi subdividido em dois objetivos específicos, a saber:

- Averiguar e descrever o processo de apropriação da Língua Portuguesa como Língua Estrangeira pelo participante da pesquisa;
- Discutir as contribuições (formais e informais) que o participante teve no desenvolvimento da Competência Comunicativa em Língua Portuguesa.

No capítulo três, em que a metodologia dessa pesquisa é apresentada, há uma subseção que descreve a vida do participante, buscando destacar fatos relevantes no seu processo de apropriação da Língua Portuguesa. No quatro, é apresentada a trajetória de Patrick, mais especificamente no que se refere à busca por apropriar-se da Língua Portuguesa, no caso dele, visando atuar como missionário junto à comunidade e já vivendo no Brasil.

Mesmo conhecendo sua limitação em aprender uma língua estrangeira, Patrick tinha um sonho de assumir um trabalho missionário no Brasil. A partir do convite realizado pelo bispo irlandês que atuava no Brasil à época ao seu bispo na Irlanda, que prontamente se sensibilizou com os apelos do seu confrade, Patrick teve seu sonho realizado. Isso evidencia a motivação dele em viver no país e se apropriar da língua-cultura local.

Entretanto, não obteve êxito durante o seu processo de aprendizagem de Língua Portuguesa em curso formal, visto que era restrito à sala de aula e, no dia a dia, ele se comunicava com outros falantes de língua inglesa em inglês, que também buscavam aprender a Língua Portuguesa. O processo de apropriação começou efetivamente quando ele viu-se imerso na língua-cultura de seus paroquianos brasileiros. Contudo, por diversos motivos, já elencados anteriormente, durante todo

o processo de sua aprendizagem, ele se comunicava com pessoas falantes de inglês.

Esta pesquisa denota que o ensino de línguas não pode ser concebido alheio à vida cotidiana. Nesse sentido, a Abordagem Comunicativa atende melhor aos objetivos comunicacionais envolvidos na motivação das pessoas por falar outras línguas, visto que contempla situações de uso, e não apenas aspectos gramaticais da língua, dando mais dinamicidade ao processo de ensino e aprendizagem de línguas.

No que se refere às competências inerentes à Competência Comunicativa, foco principal desse estudo, verificou-se:

- Competência Linguística – Patrick, em sua fala, apresenta inadequações linguísticas (pronúncia, léxico, sintaxe, semântica, entre outros);
- Competência Sócio-Cultural – o participante integrou-se à comunidade em que estava inserido (hábitos e costumes);
- Competência Meta – ele demonstra certo conhecimento metalinguístico e metacomunicativo;
- Competência Estratégica – ele utiliza estratégias para garantir a efetividade da comunicação e compensar os possíveis lapsos que possam resultar de sua competência linguística.

Dessa forma, considera-se que o participante, mesmo com algumas dificuldades, é competente para comunicar-se para os fins aos quais se propõe para realizar sua missão no Brasil junto à comunidade.

Uma fala recorrente de Patrick é sobre o quanto o convívio social o auxiliou na apropriação da Língua Portuguesa. Por isso, sugere-se para trabalhos futuros, estudos sobre o papel da interação cotidiana na apropriação de línguas estrangeiras, especialmente nos casos em que o aprendiz vive no país em que a língua em que ele está aprendendo é oficial.

Outros aspectos que podem ser explorados em pesquisas dizem respeito à influência de: conviver com a língua nativa durante o processo de apropriação de língua estrangeira; problemas de audição no processo de apropriação de língua estrangeira; afinidade com aprendizagem de línguas, entre outras questões

observadas na história de vida de Patrick e não tratadas neste estudo, por não atenderem ao objetivo proposto nesta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ACNUR. **Refugiados em número – 3ª edição.** Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numeros_1104.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2018.

ALLEGRO, F. R. P. **Ensino de pronúncia em português língua estrangeira: análise de livros didáticos.** Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e estudos da linguagem) – Pontifícia Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **O ensino de português para estrangeiros: planejamentos de cursos e produção de materiais didáticos.** Campinas: Pontes.1989.

_____. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas/Edição comemorativa – 20 anos.** Campinas: Pontes Editores, 7ª ed. 2013.

_____. **A Linguística Aplicada na Grande Área da Linguagem.** In: SILVA, K. A. DA & ALVAREZ, M. L. O. Perspectivas de Investigação em Linguística Aplicada. Campinas: Pontes Editores, 2008, p. 25 – 32.

_____. **Ensino de português língua estrangeira/EPL: a emergência de uma especialidade no Brasil.** Salvador: EDUFBA, 2012, p. 723-728.

ALMEIDA FILHO, J. C. P.; CUNHA, M. J. C. **Projetos iniciais no ensino de português para falantes de outras línguas.** Brasília: Editora da UnB, 2007.

ALMEIDA FILHO, J. C. P.; BARBIRATO, R. C. **Ambientes Comunicativos para Aprender Língua Estrangeira.** In Trabalhos de Linguística Aplicada, Campinas: Editora da Unicamp, (vol. 36): 23-42, Jul. /Dez. 2000.

BATISTA, Marília Carvalho; ALARCÓN, Yeris Gerardo Láscar. **Especificidades do Ensino de PLE.** Revista SIMPLE, Brasília, nº 1, Ano 3, maio de 2012. ISSN 2316-6894 Disponível em: <<http://www.siple.org.br>>. Acesso em: 18 jan. 2019.

BRASIL, Ministério da Educação. **Programa Estudante-convênio de Graduação.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 28 mai. 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. **Programa Estudante-convênio de Graduação.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 28 mai. 2018.

_____. Ministério da Educação. **Programa Estudante-convênio de Pós-Graduação.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 28 mai. 2018.

CARNEIRO, S. G. **Português como língua estrangeira e tecnologias digitais: uma experiência com o grupo de discussão On-Line no contexto do PEC-G.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras da UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

CCM, **Português – Iniciação**. Disponível em: <https://www.ccm.org.br/portugues-iniciacao-a-lingua-portuguesa/>, Acesso em: 17 dez. 2018.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREITAS, M. S. **Daquilo que sabemos: pesquisa metateórica sobre abordagem de ensino de línguas**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

_____. **Metapesquisa em ensino e aprendizagem de línguas: um estudo modelar com foco em interação**. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

FURTER, M. J. K. **A relação entre os estilos de aprender e os estilos de ensinar em uma sala multicultural de português língua estrangeira: um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

GOMES, J. N., **Quando falar e ouvir é apropriar-se: uma reflexão sobre apropriação de línguas estrangeiras à luz da teoria saussuriana**. Dissertação (Mestrado em Teorias do Texto e do Discurso) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

GOMES DE MATOS, F. **Linguística da paz: Uma experiência brasileira. Glosas Didáticas**. ISSN: 1576-7809, Nº 11, Primavera: 2004.

_____. **Comunicar Bem ou Comunicar para o Bem?** 2005, Cidade Nova, São Paulo, n. 11, p. 17 – 19, novembro de 2005. Entrevista concedida a Mirian Pina.

GUIMARÃES, F. I. da S. **Aquisição do português como L2 por falantes de espanhol: uma experiência com o modelo de ontogenia**. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

HELB: História do Ensino de Línguas no Brasil. **Linha do Tempo**. Disponível em: www.helb.org.br. Acesso em: 20 ago 2018.

IZAKI, M. A. **Professores em formação: significados construídos no processo de interação em sala de aula de português língua estrangeira**. 2013. 301 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

KILLEEN, R. **A Short History of Ireland**. Dublin: Gill & Macmillan, 1994.

LIP.UNB. **Letras – Português do Brasil como Segunda Língua (Licenciatura)**. Disponível em: <http://www.lip.unb.br/graduacao/cursos> >. Acesso em: 19 jan 2019.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: E.P.U. 2014.

OLIVEIRA, D. **Potencial de crescimento: O Tocantins do futuro pode ser o do turismo**. Disponível em: <http://turismo.to.gov.br/noticia/2016/3/23/potencial-de-crescimento-o-tocantins-do-futuro-pode-ser-o-do-turismo//>. Acesso em: 17 fev 2019.

PAULA, A. de. **Português é hoje a quarta língua mais falada no mundo**. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/banner-1/-/asset_publisher/G5fqgiDe7rqz/content/portugues-e-hoje-a-quarta-lingua-mais-falada-no-mundo/10883>. Acesso em: 28 mai. 2018.

PAULILO, M. A. S. **A Pesquisa Qualitativa e a História de Vida**. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n1_pesquisa.htm. Acesso em: 28 mai. 2018. Acesso em: 28 mai. 2018.

REPOSITORIO.UFT. **Repositório Institucional da UFT**. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br>. Acesso em: 20 fev 2019.

SILVA, A. P. et al. **"Conte-me sua história": Reflexões sobre o método história de vida**. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, 2007. V. 1, nº1, p.25-35.

SOUZA, K. A. M. de. **Português língua estrangeira: uma análise do livro didático**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido

Projeto de pesquisa: Apropriação do Português como Língua Estrangeira: um estudo de caso de estrangeiro residindo no Brasil.

Pesquisadora: Luciene de Sousa Ribeiro

E-mail: lucienesousaribeiro@gmail.com

Telefone: 63 98401.5446

Endereço: 308 Sul, Al. 10, Condomínio Porto Seguro, Bloco 05, Apto 303 – Palmas – TO.

Informações sobre a pesquisa:

Eu, Luciene de Sousa Ribeiro, responsável pela pesquisa: **Apropriação do Português como Língua Estrangeira: um estudo de caso de estrangeiro residindo no Brasil**, estou fazendo um convite para Vossa Reverendíssima participar como voluntário deste estudo, sob a orientação da Professora Doutora Mirelle da Silva Freitas.

Esta pesquisa pretende investigar o desenvolvimento da competência comunicativa de um missionário irlandês, que assumiu uma missão em uma paróquia no interior do estado do Tocantins, e, a partir de então, começou a fazer uso da língua portuguesa como língua estrangeira sem experiência prévia com essa.

Acreditamos que esta pesquisa seja importante porque atualmente a língua portuguesa possui um lugar de destaque no cenário mundial. Ela é considerada a quarta língua materna mais falada no mundo, de acordo com a assessoria de comunicação do Ministério da Cultura (PAULA, 2018). Em outras palavras, o Português é uma língua que precisa ser investigada, sobretudo a maneira mais eficaz de ensiná-la para que o aprendiz possa lograr êxito. O desenvolvimento da área traz perspectivas para todas as pessoas que nela estejam inseridos.

Para a realização será feito o seguinte: de início, pretendemos entender o interesse do missionário em viver no Brasil e, conseqüentemente, fazer uso da língua portuguesa rotineiramente.

Com este intuito, pretendemos na primeira parte da investigação, seguir o método de pesquisa qualitativa, em virtude de ser uma tentativa de compreender os desafios e possibilidades do ensino de português como língua estrangeira.

Da mesma forma, por envolver a colaboração de um participante buscamos também entender a ética na pesquisa. Utilizaremos o estudo de caso,

especificamente a história de vida, cuja ferramenta de coleta de dados será a entrevista semiestruturada. Sua participação constará de participação voluntária.

Não haverá nenhum tipo de desconfortos, riscos ou custos em sua participação e os benefícios que almejamos a partir do desenvolvimento da presente investigação é que seja possível vislumbrar alguns direcionamentos futuros, colaborando, dessa maneira, com o avanço dos estudos de Português como Língua Estrangeira para falantes de outras línguas no Estado do Tocantins.

É importante esclarecer que, durante todo o período da pesquisa, o voluntário tem o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato com a pesquisadora.

Da mesma forma, o voluntário tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão utilizadas para fins acadêmicos e divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação do voluntário, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Autorização:

Eu, _____, após a leitura deste documento e deter tido a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Assinatura de uma testemunha

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário para a participação neste estudo.

Palmas – TO, _____, de _____ de 201__.

Luciene de Sousa Ribeiro

APÊNDICE B – Roteiro da Entrevista

A. SOBRE VOCÊ:

- 1) nome
- 2) língua materna
- 3) país de origem
- 4) quando veio para o Brasil (quantos anos reside aqui)

B. SOBRE SUA EXPERIÊNCIA COM O PORTUGUÊS

- 5) sabia alguma outra língua que não a materna antes de iniciar o processo de aprendizagem do Português (se sim, liste-as)
- 6) no caso de haver alguma língua latina, você considera que isso ajudou na aprendizagem do Português?
- 7) fale sobre como você aprendeu o Português
 - frequentou algum curso de Português (por quanto tempo / antes ou depois de chegar ao Brasil / como considera isso ajudou – ou não)
 - fale sobre sua experiência de aprender português vivendo no Brasil (como considera isso ajudou – ou não)
 - fala sobre que estratégias utilizava para aprender o Português
 - o que considerou mais fácil na aprendizagem do Português
 - o que considerou mais difícil na aprendizagem do Português
- 8) O que sugeriria para alguém que quer aprender o Português?
- 9) Considera viável cursos para aprendizagem do Português? Se sim o que sugeriria para elaboração desses cursos?
- 10) Considera viável (ou desejável) serem oferecidos cursos de Português Língua Estrangeira no Tocantins?

APÊNDICE C - Transcrição da entrevista com o voluntário, Patrick Mayo, realizada em 11/10/2018

Eu chequei no Brasil em 1994 e antes eu não falei nenhuma palavra em Língua Portuguesa, eu cheguei sem sabedoria. Mas eu comecei a estudar no CENFI em Brasília, com também 60 pessoas e teve doze pessoas lá falando inglês e eu não aprendi muito a língua portuguesa lá, porque era difícil para mim, pois eu tinha 64 anos. Eu vi muitas pessoas falando algumas línguas e eu pensei que era falando em português, mas não, era espanhol, italiano, alemão. Mas teve uma freira do Japão que sofreu mais que nós, pois era sozinha. Não tinha a oportunidade de falar com ninguém, até ela aprender a língua portuguesa. Nesse tempo é difícil para mim de aprender, eu não tenho a felicidade, a facilidade de aprender língua nova, então eu comecei de estudar todos os dias aulas e era difícil para conversar porque não tinha essa dom, mas depois de quatro meses eu chequei em Tocantins e comecei a falar com o povo na rua e aprendi mais lá que na aula, mas a aula é muito importante para aprender muitas coisas, então, mas a pedra fundamental é a aulas primeiro e depois falando na rua, porque estamos escrevendo a língua diferente do que estamos falando a língua. Muito difícil, mas depois de 25 anos aqui em Brasil, eu não tenho muito capacidade ainda, mas eu tenho o suficiente e o povo tem muita paciência comigo. Quando eu vou convidar pessoas na Igreja de ir para reunião eles vão aparecer, não sei como, é um milagre.

Todos os anos quando eu visito os Estados Unidos e a Irlanda e eu estou voltando, eu estou falando a língua portuguesa pior. Então, mas o povo está acostumado de mim, quando eu vou celebrar casamentos aqui na minha paróquia, as pessoas estão acostumadas, mas pessoas fora da paróquia vão dizer: “como você vai entender esse homem, ninguém sabe o que ele está falando? Mas graças a Deus está funcionando, com freio de mão”.

APÊNDICE D – Transcrição da entrevista com o voluntário, Patrick Mayo, realizada em 02/02/2019

Em 1990, quando Dom Thomas Fennigan, bispo de Killala, chegou em Nova York para me visitar, com o trabalho lá, ele falou comigo que ele gostaria de abrir uma nova missão no Brasil porque Dom Jaime visitou ele e outros bispos pedindo missionários para ajudar ele nessa Diocese de Miracema. E padre Michael trabalhava aqui e ele voltou para a Irlanda. E Dom Jaime visitou Dom Thomas pedindo e ele falou que ele ia mandar padres lá, dois padres. Ele pediu outros e ninguém ofereceu e ele ficou chateado. Eu falei para Dom Thomas: - Quando eu vou terminar meu trabalho em Nova York com os imigrantes, eu vou para Miracema, para o Brasil. Meu sonho era isso de ser missionário no Brasil, e quando o bispo falou isso eu fiquei muito feliz. Feliz pela oportunidade, mesmo sabendo que eu tinha problema em aprender uma língua nova, estrangeira. Então, mas Dom Thomas falou: - “Não problema. Como você vai tratar as pessoas é mais importante, como vai falar com as pessoas. As pessoas vai esquecer as suas palavras, mas o tratamento não”.

Eu chequei aqui com Dom Thomas em 1992 para olhar, conhecer sobre a Diocese. Padre Michael acolheu nós e visitamos Dom Jaime em Miracema, visitamos esta cidade e outros lugares e aqui eu gostei. Então eu terminei meu trabalho em Nova York em 1994 e nesse mesmo ano o Brasil ganhou a copa do mundo lá nos Estados Unidos quando eles venceram a Itália. E depois quando eu cheguei aqui, ainda em 1994, teve muito barulho, é ...eles ficaram muita alegres porque o Brasil ganhou a copa do mundo. Eu cheguei no mesmo ano que o Brasil ganhou a copa do mundo. Então essa é a razão, primeiro porque Dom Jaime pediu e depois porque Dom Thomas teve essa visão. Dom Thomas falou comigo que quando ele era mais jovem gostaria de ser missionário no Brasil e escolheram ele para ser o bispo de minha diocese. E então ele falou: - quando eu tiver a oportunidade, eu vou mandar padres em meu lugar lá. É por isso que eu estou aqui. Obrigado, graças a Dom Jaime que chamou e a Dom Thomas que teve a visão de mandar padres lá. Essa é a razão que estou aqui.

Dom Jaime acolheu nós de braços abertos. Eu cheguei com dois missionários leigos, Sarah e Gerald, porque Dom Thomas, em Irlanda falou que ele gostaria de ampliar, não só gostaria de mandar padres, religiosos, mas leigos também. E eles me acompanharam. E Dom Jaime ofereceu a paróquia São Sebastião para mim. E quando eu cheguei ele colocou Gerald e eu aqui e Sarah com o padre Michael, na Paróquia Nossa Senhora Aparecida. E nesse tempo padre Michael morava aqui e por isso ele colocou nós

na Paróquia aqui do lado dele, para ele nos acompanhar. A missão era mais ampla com os missionários leigos.

Na minha opinião é melhor de começar com cursinho antes, cursinho, antes, eu cheguei sem falar uma palavra em língua portuguesa, nada, nada. É melhor... Eu tive outros comigo, irlandeses também, eles redentoristas e outras congregações. Pessoas acompanharam eles um ano, dois anos, preparando eles. Mas eu não tive ninguém. E tinha problemas também quando ouvia pessoas de outros países, especificamente da Itália, da Espanha, eu pensava que eles estavam falando a língua portuguesa, porque eu fiquei da turma o mais fraco. Bastante difícil para aprender. E também havia duas pessoas falando língua portuguesa nesse curso, quando estamos livre estava conversando em inglês. Não tinha muita oportunidade de conversar na língua portuguesa. Era difícil porque estava muitos estrangeiros juntos, e não podia conversar na língua portuguesa, havia pessoas dos Estados Unidos, da Inglaterra, da Austrália. Esse é o problema. Gostei do curso, mas eu não aprendi muitas coisas lá. Mas a prática... Eu comecei do zero, conversando com o povo na rua, ouvindo as pessoas. O curso foi artificial. Mas é melhor de começar antes a se preparar. É possível que tenha curso na Irlanda, mas eu cheguei direto dos Estados Unidos para cá e não tive a oportunidade. Eu não tenho dom para aprender, para aprender língua nova. Pessoas que me acompanharam, aprenderam mais rápido de mim, porque eles tinham o dom.